

E se a Europa e a Rússia perderem ambas a guerra energética?

No Ocidente, apenas os EUA se perspectivam como reais ganhadores. Fora do Ocidente estarão até os maiores beneficiados, nomeadamente a China e talvez também a Índia.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 7 de outubro de 2022

1. A invasão da Ucrânia a 24 de Fevereiro, efectuada pela Rússia em flagrante violação do Direito Internacional e da soberania ucraniana, colocou o Ocidente numa confrontação com a Rússia, ainda que por via interposta (*proxy war*) no plano militar. Desde essa invasão a generalidade dos políticos ocidentais tem afirmado, insistentemente, que a Rússia não pode ganhar a guerra e que Vladimir Putin já a perdeu ou irá perdê-la.

No discurso político dos governos do Ocidente, o conflito foi de imediato configurado como uma luta existencial de uma democracia (a Ucrânia) contra um autoritarismo (a Rússia). Assim, o Ocidente, em bloco, tinha um imperativo moral e político de colocar todo o seu peso económico-político-militar ao lado da Ucrânia, para esta se defender e repelir a agressão russa.

Todavia, esta configuração — que apela a um imperativo absoluto moral e à defesa dos valores democráticos do Ocidente —, é uma forma parcial de apresentar a realidade, não o seu todo. Como quase sempre acontece nas questões internacionais mais agudas, este conflito é tanto de valores e de visões do mundo como de poder e de interesses estratégicos.

2. É necessário deixar claro que a União Europeia não podia ficar indiferente à agressão russa da Ucrânia. Tinha de a apoiar. Fez bem em procurar coordenar a resposta com os EUA e a NATO. Mas o Ocidente não é um todo monolítico. É preciso olhar para as especificidades e interesses europeus. Não se trata de detalhes. Importa perceber que os EUA usam — e abusam — do termo Ocidente por conveniência própria. Fazem-no para apresentar o seu interesse nacional estratégico como se fosse exactamente o mesmo da Europa, do Canadá, do Japão, da Austrália e Nova Zelândia.

As outras partes do Ocidente têm de alinhar, a gosto ou a contragosto, o seu interesse pelo dos EUA. Esta atitude norte-americana prevaleceu, mais uma vez, na reacção à invasão da Rússia. Sob a primazia dos EUA emergiu um alinhamento político na forte condenação da Rússia e defesa da democracia. Para além das sanções financeiras, facilitadas pelo uso do dólar como moeda do comércio internacional e reserva de pagamento, os EUA forneceram à Ucrânia treino e material militar, moderno e sofisticado (em quantidades muito superiores às dos europeus).

Quanto aos europeus, vergados pela culpa moral de serem os principais clientes de energia da Rússia — e sem meios para actuar da mesma forma que os EUA — optaram

por uma resposta dominada pela aplicação de sanções económicas e financeiras à Rússia, incluindo um rápido desligamento do fornecimento russo de petróleo e de gás natural.

3. O discurso moral que impera na esfera pública do Ocidente obstaculiza uma análise estratégica. Em especial, subestima os riscos e custos que resultam das medidas de reacção à invasão russa para as diversas partes do Ocidente. As diferenças geopolíticas têm aqui um papel maior que um uso generalista do termo Ocidente e o discurso moral ignoram, de forma deliberada ou inconsciente.

A União Europeia tem a sua fronteira leste encostada à Ucrânia, à Bielorrússia e à Rússia. Os EUA estão a mais de 7500 km de distância. Não é uma curiosidade geográfica. Exceptuado o cenário extremo de um confronto nuclear com armas estratégicas, o território norte-americano está fora da zona de conflito. Daí decorre que os custos de acolhimento de milhões de refugiados ucranianos e também da reconstrução — a qual irá ficar largamente para a União Europeia que já atribuiu o estatuto de candidato oficial à Ucrânia — não serão encargos maiores para os EUA.

Para além das sanções financeiras que o uso do dólar facilita, a concentração da resposta no treino e fornecimento de material militar tem custos elevados certamente, mas contém vantagens muito substanciais. Como é usual, é nas guerras que se mostra o que valem os equipamentos militares mais modernos e sofisticados. Assim, os elevados custos de fornecimento de material à Ucrânia são compensados pela perspectiva de futuras vendas e de influência política nesse país, às portas da Rússia.

A isto acrescem os países do leste europeu da NATO que ainda tinham equipamentos da era soviética e aproveitaram para se livrar deles, enviando-os para a Ucrânia. Agora compram novo material militar aos norte-americanos. Para além disso, há os clientes tradicionais e não tradicionais do complexo industrial militar dos EUA, desde logo nos países ricos do Médio Oriente e da Ásia.

4. É na guerra energética que são observáveis as maiores diferenças. Para os EUA, é um terreno onde podem falar grosso à Rússia a custo baixo. A sua produção de petróleo e de gás natural permite-lhe passar relativamente incólume às sanções aplicadas à Rússia e até ganhar com isso. Afastam um concorrente maior (a Rússia) dos mercados europeus e podem passar a vender à Europa gás natural liquefeito (GNL). Mas os europeus não têm recursos energéticos comparáveis em termos de combustíveis fósseis, nem podem esperar que as energias verdes lhe resolvam o problema no imediato. Assim, a perspectiva é de enfrentarem, durante um longo período de tempo, preços da energia muito mais elevados.

Sob o argumento moral e o discurso generalista do Ocidente — que encaixa na perfeição no interesse estratégico dos EUA — esconde-se uma realidade crua para os europeus: nenhuma economia avançada é competitiva sem ter uma energia abundante e relativamente barata.

Com o aumento drástico — e, tudo indica, com carácter de permanência — dos custos da energia, os europeus terão substanciais perdas de competitividade. Poderá ocorrer que várias empresas tenham de reduzir as suas operações, ou até parar temporariamente a produção, sobretudo quando são especialmente vulneráveis aos preços elevados do gás natural, como ocorre com fabricantes de alumínio, fundições de metais ou fabricantes de vidro (o que terá ainda reflexos em indústrias como a automóvel e outras). Certamente a economia europeia acabará por adaptar-se mais à frente, mas a transição será morosa e levará, provavelmente, a deslocalizações de empresas e a custos sociais e de bem-estar elevados.

5. A Rússia e União Europeia estão a arrastar-se mutuamente para um abismo económico onde a Rússia cai bem mais fundo devido ao militarismo agressivo de Vladimir Putin. Mas não nos iludamos: os reais ganhadores são outros. Para os europeus a guerra energética implicará sempre um custo muito mais elevado do que para os EUA. A ser assim será destrutiva para a Rússia (é mesmo esse o objectivo do Ocidente), mas também para a União Europeia (por efeito de ricochete).

Quer dizer, o facto de atingir duramente a Rússia, fazendo a sua economia e bem-estar recuar vários anos e empobrecer a população, não impede, só por si, que os europeus sejam também perdedores, ainda que de forma mais atenuada. Torna é a Rússia claramente perdedora (também pelo profundo desgaste militar e humano). Mas os europeus ficam com um conflito geopolítico às suas portas que irá perdurar no tempo e será uma fonte de insegurança crónica. Vão ainda deteriorar a sua competitividade e bem-estar face aos EUA e China. Nesse sentido, serão também perdedores.

No Ocidente, apenas os EUA se perspectivam como reais ganhadores. Fora do Ocidente estarão até os maiores beneficiados, desde logo a China (e talvez também a Índia). Como a Rússia será forçada a reorientar a sua venda de petróleo e gás natural para a Ásia, a China passará a ter nas mãos um dos maiores produtores e exportadores mundiais (o que lhe aumentará a margem de manobra estratégico-militar e a competitividade na economia global), ganhando uma ascendência sobre a Rússia que nem os EUA têm hoje sobre a Arábia Saudita. O resultado será um mundo cada vez mais sino-americano, onde a Rússia (de forma abrupta) e a União Europeia perdem poder e influência.

<https://www.publico.pt/2022/10/07/mundo/analise/europa-russia-perderem-ambas-guerra-energetica-2023028>